



---

ISSN Eletrônico: **2525-5908**

[www.revistafarol.com.br](http://www.revistafarol.com.br)

**Influência da religiosidade perante o processo de luto**

Josiane Alves Rolim

Antonio Carlos Zandonadi

## Influência da religiosidade perante o processo de luto

Josiane Alves Rolim<sup>1</sup>

Antonio Carlos Zandonadi<sup>2</sup>

**RESUMO:** A religião é uma das dimensões mais importantes da vida humana. Dá sentido à vida e a morte. O luto é denominado uma reação natural na vida das pessoas, esse processo decorre da perda de um ente querido, sendo que essa perda pode ser vivida tanto de forma individual como no contexto familiar. Este estudo teve por objetivo avaliar a influência da religiosidade na elaboração do processo de luto. Como abordagem metodológica utilizou-se a pesquisa quanti-qualitativa do tipo exploratória descritiva. Participaram da pesquisa quatorze membros de uma instituição religiosa da cidade de Rolim de Moura – RO. Para coleta de dados foram utilizados dois instrumentos, o primeiro um questionário que possibilitou coletar informações sociodemográficas. O segundo é o Questionário Sobre o Luto (QSL) com adaptações, o qual permite perceber as alterações e transformações que ocorrem na vida das pessoas em processo de luto. Os dados obtidos foram organizados quantitativamente, convertidos em termos percentuais e dispostos em tabelas. As informações obtidas através da pergunta aberta, foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2007). Constatou-se que a religiosidade é relevante na elaboração do processo de luto, pois através dela as pessoas recebem suporte espiritual e social para enfrentar o processo de luto

**Palavras-chave:** Religião. Religiosidade. Processo de luto.

## The influence of religiosity towards the mourning process

**ABSTRACT:** Religion is one of the most important dimensions of human life. It gives meaning to life and death. Mourning is known as a natural reaction in people's lives, this process stems from the loss of a loved one, and this loss can be experienced both individually and in the family context. This study aimed to evaluate the influence of religiosity in the elaboration of the mourning process. As a methodological approach we used the quantitative-qualitative research of descriptive exploratory type. Fourteen members of a religious institution in the city of Rolim de Moura - RO participated in the study. Two instruments were used to collect data; the first one was a questionnaire that enabled sociodemographic information to be collected. The second is the Questionnaire on Mourning (QSL) with adaptations, which allows us to perceive the changes and transformations that occur in the lives of people in the mourning process. The obtained data was organized quantitatively, converted in percentage terms and arranged in tables. The information obtained through the open question was analyzed through the Bardin Content Analysis (2007). It was found that religiosity is relevant in the elaboration of the mourning process, because through it people receive spiritual and social support to face the mourning process.

**Keywords:** Religion. Religiosity. Mourning Process.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Psicologia, FAROL – Faculdade de Rolim de Moura. E-mail: josiane\_rolim20@hotmail.com

<sup>2</sup>Professor do curso de Psicologia na FAROL - Faculdade de Rolim de Moura. E-mail: antonio.zandonadi@farol.edu.br

## INTRODUÇÃO

O sentimento de perda é uma experiência que o ser humano vivencia desde o nascimento. Segundo Freud (1926) o ato de nascer consiste na primeira experiência de angústia, sendo esta a fonte da sensação da angústia. O nascimento, objetivamente redonda na separação da mãe e, essa experiência ocorre em diversas etapas da vida humana e em diversos contextos, podendo ser um processo de separação conjugal, de afastamento do emprego ou da perda de uma pessoa próxima. Sendo assim, através dessas experiências de perda, ocorre a caracterização do processo de luto.

O luto é o método de preparação diante da perda de uma pessoa próxima, com quem vínculos foram estabelecidos e, de certa forma, o luto não é um processo de aniquilamento da presença de alguém e, sim, uma elaboração daqueles que não estão mais presentes concretamente, mas que continuam vivos eternizados na consciência de cada pessoa (SOUZA; SANTOS, 2015). A religião e a religiosidade oferecem suporte às pessoas que passam por esse processo, em muitos casos quando as pessoas acreditam em algo superior, algo maior, isso dá força para passar pelo processo de luto (ALVES, 2012).

Neste contexto, a primeira etapa deste artigo apresenta-se a fundamentação teórica desse estudo, a qual discorre sobre o conceito de religião e religiosidade, o processo de luto e suas fases e a influência da religiosidade na elaboração do processo de luto. A segunda etapa consiste na trajetória metodológica percorrida na pesquisa, na apresentação dos resultados e discussão dos dados empíricos. Por último, são tecidas algumas considerações e desdobramentos do estudo.

## DESENVOLVIMENTO

### Religião e religiosidade

A religião é uma das dimensões mais formidáveis da vida humana, ela influencia o sentido da vida e da morte, dando suporte necessário para que o sujeito possa superar a perda de um ente querido, também fornece meios de ver o mundo, o sofrimento passado e as alegrias (CARVALHO, 2006; ALVES, 2012). Discorre Dalgarrondo (2008) que a religião é

um conjunto de práticas e representações cobertas de caráter sagrado, desenvolvidos dentro das denominações através de crenças. A religiosidade está ligada a algo mais pessoal, individual se tratando de algo totalmente particular servindo para uns como um guia determinando sua vida inteiramente.

A religião é o que dá significado a essência humana, pois ela é vista como uma luz que ilumina a escuridão dando sentido à vida. A religiosidade são crenças particulares ligadas a uma forma de pertencer a alguma denominação religiosa organizada, devido a frequência que esse indivíduo tem a cultos e a compromissos religiosos e o quanto ele segue a doutrina de uma religião ou igreja a que pertence (DALGALARRONDO, 2008; CARVALHO, 2006).

Segundo Bousso *et al.* (2011) quando as pessoas estão passando por momentos difíceis em sua vida, podendo ser a doença, a morte e o luto, tendem a procurar uma aproximação com o divino, na tentativa de salvação ou de resolução de problemas. De tal modo, quando as pessoas são ligadas aos aspectos religiosos, encontram força para renovar suas energias e aprender novas estratégias para lidar com essas situações.

O papel da religião é, em parte, dirigir ritos de morte fazendo, a pessoa lidar melhor com este momento, pois é no grupo religioso que o indivíduo enlutado irá encontrar um suporte espiritual e social neste momento de fragilidade. Desta forma, a igreja vem proporcionar um espaço de socialização e de expressão de sentimentos servindo como um apoio na elaboração do luto (FARINASSO; LABATE, 2012).

Comumente descrita como valores e crenças compartilhados em uma comunidade, a religião oferece suporte emocional e social, motivação e recursos de cuidado com o bem-estar. A mesma é um instrumento de explicação que ajuda a dar significado às experiências perante a morte, e com isso o indivíduo vai se adaptando aos poucos no processo de perda e luto de um ente querido. Nesta perspectiva, através da religião a pessoa acredita que a vida não termina no momento da morte, mas que há um lugar preparado à espera da pessoa falecida (BOUSSO *et al.*, 2011).

Em algumas instituições religiosas as pessoas acreditam no reencontro com seus entes falecidos e isso faz com que possam suportar a dor de perder alguém melhor que as pessoas descrentes na existência de uma vida após a morte (KUBLER-ROSS, 1996). Como assevera Simonetti (2004, p. 133) “A fé ajuda as pessoas a atravessar os momentos difíceis da vida,

sendo a doença e a morte os maiores entre eles. [...]”. Assim, as pessoas que tem uma fé em algo superior, conseguem atravessar o processo de luto com maior facilidade do que as que não a possuem.

### **O luto, e suas fases**

O processo de luto é uma reação a perda que a pessoa vivencia por ter perdido um ente querido, após esse momento a pessoa vai sentir que o mundo acabou e que mais nada em sua vida novamente terá sentido (FREUD, 1915). O luto pode ser definido por comportamentos diferenciados que são desencadeados pela quebra do vínculo entre duas pessoas. Quando ocorre a perda de um ente querido a pessoa necessita de um tempo denominado de teste de realidade, mediante esse tempo ela conseguirá identificar o objeto perdido (FARINASSO; LABATE, 2012).

Conforme discorre o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais (DSM-V) ao classificar os transtornos depressivos, o luto pode causar sofrimento nas pessoas, contudo não provoca episódios de transtorno depressivo maior. Desta forma, é possível estabelecer um diagnóstico diferencial entre o processo de luto e um Episódio Depressivo Maior (EDM). O ponto diferencial entre o luto e o EDM é que naquele a pessoa experimenta um sentimento de vazio e perda, enquanto neste, o indivíduo apresenta um humor deprimido constante e uma incapacidade de antecipar felicidade e prazer (APA, 2014).

Segundo Parkes (1998) e Ruschel (2006), as pessoas vivenciam o processo de luto de muitas formas, porque isso dependerá da etapa do ciclo da vida em que cada indivíduo se encontra e através disso ele conseguirá significados que o farão passar por esta fase. O luto também é denominado de uma crise pelo desequilíbrio que ocorre entre o ajustamento necessário, e as soluções disponíveis que cada pessoa tem para lidar com esse momento.

O luto é uma reação natural na vida das pessoas, com esse procedimento a decorrência é a perda de um ente querido, sendo que essa perda pode ser vivida “[...] tanto individualmente como no contexto familiar, e uma perda pode influenciar o funcionamento e a dinâmica de uma família, uma vez que, a família vista como um sistema integrado de

relações é alterada para sempre e os seus membros são obrigados a se reorganizar” (DELALIBERA et al., 2015, p. 1120).

Para que aconteça essa reorganização pessoal, Bowlby (2006, 2004) e Parkes (1998) relatam que as pessoas passam por quatro fases, sendo possível oscilar entre duas delas, porém podem manter uma sequência como:

- a) Fase do entorpecimento: na maioria das vezes dura algumas horas a uma semana podendo ser obstruída por explosões de raiva, nesta fase algumas pessoas apresentam ataques de pânico, sendo neste momento que o indivíduo acaba buscando ajuda em um ombro amigo;
- b) Fase de anseio e busca da figura perdida: que dura alguns meses, e por vezes anos, neste momento a pessoa sente muita raiva, acontece da pessoa enlutada alternar em dois estados de espírito, no qual um acredita que aquela pessoa realmente morreu e o outro lado existe a descrença de isso não ter acontecido e que tudo está bem e tenta buscar a pessoa perdida de alguma forma, chamando e tentando encontrá-la nos ambientes antes utilizados pela pessoa falecida;
- c) Fase de desorganização e desespero: e nesta etapa que a pessoa enlutada tenta culpar alguém pelo ocorrido, tem casos que pode ser até mesmo o indivíduo morto, ela não aceita que realmente aconteceu a perda;
- d) Fase de maior ou menor grau de reorganização: é onde a pessoa que fica tem que tentar de alguma forma se reorganizar e planejar a sua caminhada, pois ela terá que se adaptar a novos papéis no cotidiano que antes não era necessário, mas agora será fundamental para sua vida em sociedade.

Parkes (1998, p. 44) em seus estudos articula que “[...]. O luto é, afinal, o acontecimento vital mais grave que a maior parte de nós pode experienciar”. Quando se fala em perder alguém isso se torna algo fora do comum, incompreensível aos olhos humanos, pois em nenhum momento as pessoas estarão preparadas para se despedir de alguém significativo em sua vida.

### **A influência da religiosidade na elaboração do processo de luto diante da perda**

O sentimento perante a perda é fundamental para o desenvolvimento do luto, porém cada cultura enfrenta a morte de uma forma e com isso indica os comportamentos e rituais que devem ser seguidos pelos enlutados. “[...] Com o desenvolvimento do poder da Igreja,

esta passou a exigir uma atitude mais contida e digna, assumindo o controle dos rituais e ditando as formas de comportamento adequadas” (KOVÁCS, 2010, p. 154-155).

Mediante a morte de uma pessoa querida, acontece o processo de separação, podendo ser de filhos, pais, amigos, conhecidos entre outros; cada indivíduo vai vivenciar esse momento de uma forma, pois a perda e a sua elaboração são elementos do desenvolvimento humano (KOVÁCS, 2010). A religião em meio à cultura e a sociedade exerce um papel essencial na vida do indivíduo, desta forma para algumas pessoas a religião serve como meio de preencher o vazio que fica com a perda de um ente querido (BARBOSA; LEÃO, 2012).

No período em que a pessoa enlutada se encontra em um processo de luto, acontecerá um momento de enfrentamento da perda, com isso ela terá uma reorganização da sua vida habitual, na esfera emocional, religiosa, social, cognitiva e física. Neste sentido, algumas pessoas tendem a buscar na religião conforto para superar esse processo de luto vindo de uma perda inesperada de algo significativo e assim arriscar-se a dar um novo sentido a sua vida. Algumas pessoas através da religiosidade têm papéis respeitáveis nas denominações religiosas, como pastores, pregadores, líderes religiosos entre outros e por conhecimento da palavra conseguirá enfrentar essa perda melhor (LIMA, 2015).

Parkes (1998) expõe que perdas são comuns em nossas vidas e nos acostumamos em perder e continuar em frente, contudo o luto é uma reação a perda, mas, neste caso, não é tão fácil a aceitação nas pessoas. O luto pode ser assemelhado a uma ferida física mais do que qualquer outra doença, até que cada pessoa consiga passar por esse processo. A pessoa que sofre uma perda de um ente próximo parece lutar contra o destino, contra a realidade na tentativa desesperada de que milagrosamente tudo não passe de um engano, e nessa ilusão acaba se culpando pelo ocorrido ou apontando as pessoas próximas (BOWLBY, 2006; KUBLER-ROSS, 1996).

Com a perda de uma pessoa querida, que ocupava um lugar de destaque na família, o enlutado na tentativa de preencher o papel da pessoa falecida pode acabar falhando, e essa falha pode acarretar uma baixa autoestima, atitudes regressivas com sentimentos de desamparo, inadequação e incapacidade (RUSCHEL, 2006). Por isso, Almeida (2015) expõe que ter à disposição a igreja, os líderes religiosos, a família, uma rede de amigos ou profissionais competentes pode ser um apoio incomensurável na reconstrução da vida após a perda.

Portanto, ao experienciar a perda as pessoas buscam apoio para amenizar o desprazer da perda, sendo que o suporte religioso e a espiritualidade estão entre os recursos utilizados. Conforme discorre Almeida (2015), é durante esse enlutamento que o apoio religioso é bastante positivo decorrente do trabalho de amparo ofertado aos enlutados. Nesta perspectiva a seguir apresentaremos os resultados de uma pesquisa que buscou investigar a influência da religiosidade na elaboração do processo de luto.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa pautou-se em um estudo de campo, com a abordagem exploratória descritiva e seus dados foram analisados quanti-qualitativamente. O presente estudo foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Faculdade de Rolim de Moura (FAROL), com número de CAAE 65717017.9.0000.5605 e conforme o parecer 2.011.963, garantindo assim o respaldo ético da pesquisa. A escolha dos sujeitos participantes se deu por meio de uma amostra por conveniência, a qual consiste em selecionar os participantes a que tem acesso, admitindo que estes possam representar o universo pesquisado (GIL, 2008).

Os dados dos sujeitos da pesquisa foram cedidos pela instituição religiosa sendo num total de vinte cadastros. Através desses cadastros cedidos pela instituição, buscou-se contato com os familiares aos quais solicitou-se a participação na pesquisa. Assim, compuseram a amostra quatorze sujeitos que tiveram entes queridos que vieram a óbitos entre os anos de 2014 e 2015 e estavam registrados em uma instituição religiosa de Rolim de Moura - RO. Os critérios de inclusão foram: pessoas que estivessem em processo de luto entre os anos de 2014 e 2015, e que concordaram com os critérios da pesquisa, que manifestaram tal concordância mediante assinar o termo de consentimento pós-informado. Estabeleceu-se como critério de exclusão, pessoas que perderam entes queridos antes e após do período proposto e pessoas que preencheram o critério de inclusão, mas não aceitaram participar da pesquisa.

Os dados foram coletados por meio de dois instrumentos, o primeiro foi um questionário elaborado pela autora que possibilitou coletar informações sociodemográficas. O segundo é o Questionário Sobre o Luto (QSL) com adaptações, sendo utilizados em pesquisas anteriores (BORGES; PATRÍCIA, 2015; CARVALHO, 2006) no qual permite perceber as

alterações e transformações que ocorrem na vida das pessoas em processo de luto, com perguntas abertas, fechadas e múltiplas escolhas. Os dados obtidos foram organizados quantitativamente, convertidos em termos percentuais e apresentados em tabelas. As informações obtidas através da pergunta aberta foram transcritas para o programa Microsoft Word e, posteriormente, buscou-se identificar as palavras indutoras de maior frequência, utilizando para tanto a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2007).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos resultados obtidos verificou-se que 78,57% da amostra consistiu de sujeitos do sexo feminino, enquanto que 21,43% eram do sexo masculino. Com relação a escolaridade a amostra apresentou heterogênea, na qual a formação varia desde o ensino fundamental até aqueles com curso superior. Quanto ao grau de parentesco com o familiar falecido 42,87% declararam filhos; 28,57% esposas; 14,28% mães e 14,28% netos. No que tange a vinculação econômica, observou-se que em sua maioria as pessoas falecidas não exerciam o papel de provedor do lar. Em relação às causas da morte, os sujeitos apontaram que 42,86% perderam seu ente querido em decorrência de enfermidade; 35,71% relataram que a morte foi por causas naturais e 21,43% por motivo de acidentes.

**Tabela 1:** Questionário sobre o luto (QSL), com adaptações

Há quanto tempo se deu a sua perda	Nº	%
0-6 meses	00	0
6 meses a 1 ano	00	0
1 ano	00	0
2 anos	5	35,71
3 anos	9	64,29
Total	14	100

**Fonte:** Própria autora (2017).

Conforme demonstrado na tabela 1, verifica-se que 64,29% dos participantes relataram que a perda ocorreu há três anos; enquanto que 35,71% passaram pela experiência da perda há dois anos. Em relação ao momento da perda, 78,57% dos sujeitos apontam que a morte ocorreu de forma esperada; os demais relataram que esse processo ocorreu de forma repentina.

**Tabela 2:** Questionário sobre o luto (QSL), com adaptações

Foi capaz de pedir ajuda ou reconforto quando necessitou	Nº	%
Sim, sempre que necessitou	5	35,71
Sim, em algumas ocasiões	4	28,58
Raramente	5	35,71
Nunca	00	0
Total	14	100
Foi capaz de receber ajuda ou reconforto que lhe foi oferecido	Nº	%
Sim, a maioria das vezes	11	78,57
Sim, às vezes	3	21,43
Não, nem por isso	00	0
Não, de maneira alguma	00	0
Não me foi oferecido ajuda	00	0
Total	14	100

**Fonte:** Própria autora (2017).

Na tabela 2, os resultados apontam que 35,71% sempre recorreram a terceiros para pedir ajuda perante o processo de luto; para 28,58% a ajuda foi solicitada em alguns momentos pontuais e para 35,71% recorrem raramente. Com isso nota-se que todos os participantes pedem ajuda, desta forma os resultados vão de encontro com o que Bowlby (2006, 2004) e Parkes (1998) relatam que em alguns momentos cruciais do processo de luto os indivíduos acabam solicitando ajuda de pessoas próximas. No que tange a oferta de ajuda

sem ser solicitada pelo enlutado, 78,57% descreveram terem aceitado ajuda ou reconforto que lhe fora oferecido; enquanto que 21,43% da amostra relataram que essa ajuda fora aceita algumas vezes. Para enfatizar esses resultados temos o relato de um participante:

A igreja, os irmãos, ajuda com orações, com ajuda mesmo confortando né então a religião tem essa ajuda. A religião também ajuda a passar pelo processo de luto, porque a união dos irmãos, a convivência, o apoio, ajuda muito né, nessa forma de união das pessoas no caso a comunidade da igreja e pela palavra de Deus, pela bíblia como a gente já aprendeu na religião como seria esse processo de perda de um ente querido também ajuda com certeza (sujeito G).

Através deste relato, observa-se que as pessoas religiosas demonstram uma confiança na palavra bíblica, ligados a uma esperança de salvação do enlutado na certeza de que existe uma vida pós morte (ALVES, 2012).

Referente a tabela 3 abaixo, se obteve algum apoio após a perda, e de quem o recebeu, os participantes podiam optar por mais de uma opção. Neste caso, notou-se que 100% dos participantes obtiveram ajuda dos líderes religiosos, outro membro da igreja e da comunidade; 57,14% tiveram ajuda dos irmãos genéticos; 42,85% alegaram receber ajuda dos pais e dos amigos; 35,71% tiveram ajuda de outros membros da família; 28,57% receberam ajuda dos filhos adultos e 14,28% alegaram ter pedido ajuda ao terapeuta.

**Tabela 3:** Questionário sobre o luto (QSL), com adaptações

Se obteve algum apoio após a perda, de quem o recebeu	Nº	%
Filhos adultos	4	28,57
Irmãos	8	57,14
Outros membros da família	5	35,71
Pais e amigos	6	42,85
Terapeuta	2	14,28
Líderes religiosos, outro membro da igreja e comunidade (igreja)	14	100
Grupo de apoio	00	0

**Fonte:** Própria autora (2017).

Para enfatizar melhor esses resultados apresenta-se o relato do sujeito A “[...] Na igreja você encontra apoio né, vem pessoas perguntando o que você está precisando, o que a gente precisa fazer para te ajudar, entendeu, tem aquele apoio moral, um apoio espiritual, um apoio sentimental né [...]”. Estes resultados vêm de encontro com o achado de Almeida, (2015) no que assevera que a igreja, a família, os amigos e profissionais competentes auxiliam as pessoas a passarem pelo processo de luto.

**Tabela 4:** Questionário sobre o luto (QSL), com adaptações

Continua ter apoio no período de cura/cicatrização da perda	Nº	%
Sim, bastante	5	35,71
Algum, mas gostaria de ter mais	1	7,14
Não, nem por isso	8	57,15
Total	14	100

**Fonte:** Própria autora (2017).

Os resultados da tabela 4, revelam que 57,15% dos participantes relataram que deixaram de ter apoio nesse período de cura e cicatrização da perda; 35,71% expuseram ainda ter bastante apoio e 7,14% recebem, mas gostariam de ter mais apoio neste momento. Referente a se o participante foi encorajado a exprimir os seus sentimentos nos primeiros 6 meses após a perda, 64,28% alegaram que sim, muito; 28,58% referiram que sim, um pouco e 7,14% disseram que não foram encorajados a exprimir seus sentimentos neste momento.

A respeito de lidar com os sentimentos de tristeza e melancolia sozinho, 35,71% preferiram que “sim”, pois gostam de resolver as coisas sozinhos; 35,71% disseram que esse processo foi alternado entre momentos reclusos e outros em que demandaram o suporte de outras pessoas; 21,44% disseram “sim”, mas que, todavia preferem não lidar com esses sentimentos sozinho e 7,14% respondeu “não”, uma vez que preferem estar com pessoas próximas.

Conforme previamente definido os sujeitos da pesquisa passaram pela experiência de perda há mais de um ano, sendo que 85,72% discorrem que apesar da dor, essa vivência possibilitou reflexão e crescimento, conforme fica contextualizado no discurso de um dos sujeitos: *“Vai sempre doer né, de um jeito ou de outro, perder alguém não é fácil só Deus pra nos dar força neste momento, no entanto, estou a crescer com a experiência do luto”* (sujeito J). Todavia, para 14,28% a busca para superar a dor da perda ainda está em andamento, sendo mostrada por um relato *“Estou a fazer um grande esforço, mas de alguma forma sei que ele está em um lugar melhor que eu, por isso estou a recomeçar a minha vida”* (sujeito I). Tais resultados corroboram com o que observou Delalibera (2015); Lima (2015); Bousso (2011); Kovács (2010); Bowlby (2006, 2004) e Parkes (1998) os quais enfatizam que quando a pessoa enlutada passa pelo processo de luto, tende a reorganizar sua vida após a perda. Cada sujeito cria as suas estratégias para superar essa perda.

Referente ao apoio recebido nos primeiros seis meses após a perda, foi significativo para todos os sujeitos. Sendo que o apoio da família, dos amigos e do grupo religioso foi preponderante para a construção e estruturação da vida após a perda do ente querido (ALMEIDA, 2015; FARINASSO; LABATE, 2012).

A respeito das relações com os outros, 57,15% referiram que não existiu alterações na relação com os outros se mantiveram iguais e 42,85% mencionaram que a sua relação com os outros mudou para melhor. Ao serem indagados sobre a experiência de dor pela qual passaram se alterou a forma de estar na vida, 78,57% refere que a experiência de dor mudou a sua forma de estar na vida para melhor e 21,43% diz que a experiência não alterou em nada na sua forma de estar na vida, para que fique mais claro esse resultado temos o relato de um participante:

Como cristão isso pra mim é um processo natural, e apesar de sempre ser difícil perde alguém, mas isso não traz nem um transtorno para minha vida, não altera em nada, eu acredito que é só uma passagem é vamos ressurgir na frente, então está tudo bem, não tenho problema nenhum com isso, a religião me ajudou por causa do conhecimento bíblico que a gente tem, então é simplesmente um processo natural não tem nada de errado está tudo certo (sujeito L).

Desta maneira, observa-se que a fé é algo essencial na vida dessas pessoas, e é através dela que os indivíduos criam forças para atravessar a dor do luto (KUBLER-ROOS, 1996).

**Tabela 5:** Questionário sobre o luto (QSL), com adaptações

Com que frequência você vai à igreja	Nº	%
Mais do que uma vez por semana	10	71,42
Uma vez por semana	2	14,29
Algumas vezes por ano	2	14,29
Uma vez por ano ou menos	00	0
Nunca	00	0
Total	14	100

**Fonte:** Própria autora (2017).

A tabela 5 aponta com que frequência os sujeitos pesquisados participam das atividades de sua igreja, sendo que 71,42% responderam que vão mais do que uma vez por semana; 14,29% apontam frequência semanal; 14,29%, relatam que vão a igreja, algumas vezes por ano. Na frequência que os participantes dedicam o seu tempo a atividades religiosas individuais como preces, rezas, meditações leitura da bíblia ou outros textos, 64,29% relataram que todos os dias dedicam algum tempo para essa prática; enquanto que 21,43% dos sujeitos afirmam que dedicam algum tempo mais de uma vez por semana; o grupo que dedica seu tempo uma vez por semana e o que se dedica poucas vezes por mês apresentaram índices semelhantes de 7,14% da amostra pesquisada. Conforme observa Almeida (2015), quando a pessoa está atravessando um momento de luto ela tende a buscar conforto na religião e na religiosidade para suportar a dor da perda.

Os resultados demonstram que 100% da amostra responderam que houve celebração fúnebre religiosa dedicada ao ente querido, conforme discorre um dos participantes da pesquisa:

A religião teve grande influência na hora, no culto fúnebre, depois também, sempre estava perguntando se a gente estava precisando de alguma coisa sempre eles vinham aqui na semana orava junto com nós, dava conforto, palavras que eles falava que confortava nossos corações, então eu acho que a religião influência eles ajudo muito ali naquele momento, naquele momento mais difícil (sujeito F).

Esses resultados estão em conformidade com os achados de Farinasso e Labate (2012) que enfatizam, um dos papéis da religião é dirigir cultos fúnebres, dar um suporte espiritual e social as pessoas neste momento de dor, pois esses ritos de morte ajudam as pessoas a passar melhor pelo processo de luto.

Mediante o questionamento “qual o papel da religião nesse processo de luto pelo qual tem passado?”, buscou-se identificar os discursos latentes, implícitos à experiência da perda de pessoas significativas. Através da Análise de Conteúdo de Bardin (2007), pode-se identificar as palavras de maior frequência, as quais foram divididas em duas categorias temáticas. A primeira categoria, com frequência de 83 palavras, remete a um discurso marcadamente espiritual/religioso, sendo elas: Deus 63,85%; fé 12,08%; Jesus 7,24%; Cristão 4,81%; força 4,81%; certeza de salvação 3,61%; confiança 2,40% e eternidade 1,20%. A segunda categoria está ligada ao suporte social, na qual foram encontradas 83 palavras sendo elas: ajuda/ajudou 48,20%; conforto/consolo 44,58% e apoio 7,22%.

Neste contexto, será exposto alguns relatos que evidenciam o discurso marcadamente espiritual/religioso.

A religião me ajudou a passar pelo luto, pelo fato de a gente ter aquela confiança em Deus, ter aquela firmeza em Deus, ter a certeza de salvação em Deus né, a palavra de Deus fala que um dia iremos nos encontrar novamente, então a gente sente aquele conforto então isso ajudou muito eu (sujeito M).

[...] quando você tem fé quando você acredita em Deus no meu caso, tenho fé acredito sim em Deus acredito que existi sim uma salvação [...] acredito muito na salvação então eu acho que ela está num lugar melhor e é isso que me reconforta, que me dá um conforto, [...] mas eu sei sim que ela pode estar num lugar melhor que eu e que um dia nós vamos nos encontrar novamente (Sujeito H).

A religião nos dá consolo porque a palavra de Deus nos afirma que nós vamos nos encontrar um dia né, não e que a vida acabou aqui mas continua na eternidade, então a gente tem essa esperança de contemplar um dia se aqui nós permanecer até o fim firme né, nós temos essa esperança e creio que todos possam ter essa esperança, por que Jesus é fiel [...] (sujeito B).

A religião e religiosidade estão fortemente atreladas a certeza de salvação, na certeza de um dia reencontrar seus parentes novamente em um lugar que está preparado, portanto com esse entendimento essas pessoas conseguem lidar melhor com o processo de luto. Desta

forma, os resultados da pesquisa demonstraram que para 100% da amostra coletada a religiosidade está atrelada a superação das dificuldades enfrentadas no processo de luto. Neste sentido os resultados vão de encontro com os achados de Borges e Patrícia (2015), Lima (2015), Alves (2012), Bouso *et al.* (2011), Farinasso e Labate (2012) e Carvalho (2006) no qual enfatizam que a religião, a religiosidade serve como suporte, conforto e apoio para os indivíduos neste momento de dor.

Neste contexto, será mostrado alguns discursos dos participantes que demonstram o suporte social:

A igreja, os irmãos, o pastor e o círculo de oração da igreja me ajudaram muito, teve irmãs da igreja que vinha duas a três vezes na semana aqui em casa, oravam comigo, me davam conselhos, me davam palavras de encorajamento, então a igreja me ajudou muito a passar pelo luto do meu filho (sujeito M).

A igreja, os irmãos ajudam com orações com ajuda mesmo confortando né, então a religião tem essa ajuda. A religião também ajuda a passar pelo processo de luto, porque a união dos irmãos, a convivência, o apoio, ajuda muito né nessa forma de união das pessoas no caso a comunidade da igreja [...] (sujeito G).

[...] Quando tem alguém pra está do seu lado e principalmente no papel da igreja no meu caso foi muito importante, porque tinha as pessoas que estavam ali a minha volta na igreja, tinha o pastor que estava ali junto com a sua família, e cada vez que eu ia na igreja que você ouve uma palavra, ouve um hino aquilo te consola, te conforta, então eu acho que ajuda e muito (sujeito H).

Considerando que os objetivos da pesquisa estavam pautados na premissa de investigar a influência da religiosidade no processo de elaboração do luto, pode-se afirmar de forma contundente, que a amostra em sua totalidade discorreu que a prática religiosa lhes foi um suporte na superação da perda de seus entes queridos. Todavia a técnica da Análise de Conteúdo revelou outra variável implícita, ainda que atrelada a religiosidade. Trata-se dos aspectos positivos do suporte social oferecido pelos membros da instituição religiosa a qual pertence o sujeito o qual, se revelou produtivo no processo de elaboração do luto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da influência da religiosidade perante o processo de luto revelou que o suporte religioso, em consonância com as diversas literaturas acerca do tema, é relevante para esse processo. Tal assertiva se torna relevante para a sociedade e para a psicologia que pode trabalhar de forma mais efetiva a religiosidade com os pacientes em processo de luto.

Há de se frisar que atrelada a religiosidade a instituição religiosa pode usar da coesão grupal de seus membros, buscando formas de manter os sujeitos em processo de luto em interação mais assídua com os demais membros.

Dada a importância do assunto, notou-se que quando a pessoa espiritual/religiosa acredita em Deus, tem uma fé inabalável e crê na salvação divina, sua relação perante a perda e o luto é percebida como algo positivo. Observa-se que apesar do luto ser comum a todas as pessoas, cada um mobilizou formas de enfrentamento conforme suas crenças individuais baseadas em suas experiências vivenciadas anteriores ao luto.

Diante disto, percebeu-se, que além deste suporte transcendental pode-se encontrar uma nova variante, o suporte social, que também se mostrou relevante para elaboração do processo de luto. Podendo ser observado nas palavras apoio, a ajuda e conforto como elementos fundamentais para passagem e estruturação do processo de luto de uma pessoa significativa.

Há de se frisar que, mesmo diante da incontestável ajuda que a religiosidade oferece aos enlutados, a psicologia tem muito a oferecer às pessoas em momentos de perdas, haja vista que o psicólogo usará de um conjunto de técnicas e procedimentos científicos que possibilitam que esse momento de dor pode ser vivenciado como uma oportunidade de crescimento e reflexão.

Portanto, a pesquisa em tela, longe de esgotar o assunto, aponta para novas direções de pesquisa que venham a explicitar de forma mais aclarada como as variáveis religião e suporte social, podem contribuir para a promoção de saúde das pessoas que sofrem com a perda de seus entes queridos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. C. S. Espiritualidade e resiliência: enfrentamento em situações de luto. **Rev. Sacrilegens**. Juiz de Fora, v. 12, n.1, p. 72-91, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2016/03/12-1-7.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2016.

ALVES, L. A. S. **Cultura religiosa**: caminho para a construção do conhecimento (livro eletrônico). 1. ed. Curitiba: Inter saberes, 2012. (Série ensino religioso). Disponível em: <<http://farol.bv3.digitalpages.com.br/users/publications>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM – V. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARBOSA, C. A. N.; LEÃO, M. F. Uma investigação acerca da elaboração do luto por sujeitos ateus e religiosos. **Rev. Mineira de Ciências da Saúde**, p. 15-33, set. 2012. Centro Universitário de Patos de Minas, 2012. Disponível em: <[revistasaude.unipam.edu.br/documents/45483/172592/investigacao.pdf](http://revistasaude.unipam.edu.br/documents/45483/172592/investigacao.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BOUSSO, R. S. et al. Crenças religiosas, doença e morte: perspectiva da família na experiência de doença. **Rev. Escola Enfermagem USP**. 45(2): p. 397-403, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reensp/v45n2/v45n2a13.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BORGES, M.; PATRÍCIA, T. **Luto e religiosidade por perda do cônjuge**. 2015. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<https://repositorio.ismai.pt/handle/10400.24/399>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. Tradução: Álvaro Cabral. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Apego e perda**: tristeza e depressão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CARVALHO, C. D. R. **Luto e religiosidade**. O portal dos Psicólogos, monografia realizada no âmbito da licenciatura em psicologia. 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0059.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2016.

DALGALARRONDO, P. **Religião e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DELALIBERA, M.; et al. A dinâmica familiar no processo de luto: revisão sistemática da literatura. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 4, abril, p. 1119-1134, Associação Brasileira de Pós Graduação em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, Brasil, 2015. Disponível em: <[www.redalyc.org/articulo.oa?id=63037095015](http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63037095015)>. Acesso em: 27 ago. 2016.

FARINASSO, A. L. C.; LABATE, R. C. Luto, religiosidade e espiritualidade: um estudo clínico-qualitativo com viúvas idosas. **Rev. Eletrônica Enfermagem** jul/set. p. 588-95, 2012. Disponível em: <[https://www.fen.ufg.br/fen\\_revista/v14/n3/pdf/v14n3a15.pdf](https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v14/n3/pdf/v14n3a15.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2016.

FREUD, S. **Inibições, sintoma e ansiedade (1926)**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-171. (Edição Standard Brasileira, vol. XX).

\_\_\_\_\_. **Luto e melancolia (1915)** Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 243-263. (Edição Standard Brasileira, vol. XIV).

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes. Tradução: Paulo Meneses. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LIMA, F. M. **Religiosidade e o enfrentamento da morte**: a visão dos graduandos de saúde. Brasília. Trabalho de conclusão de curso em enfermagem, 2015. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/10935>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summuns, 1998.

RUSCHEL, P. P. **Quando o luto adoecer o coração**: luto não elaborado e infarto. Porto Alegre: Edipucrus, 2006.

SIMONETTI, A. **Manual de psicologia hospitalar**: o mapa da doença. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SOUZA, A. S. S. S.; SANTOS, F. S. Histórias de morte e luto: um estudo sociodemográfico antropológico da vivência da morte em um grupo operativo no CRAS. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 50-58, jul./dez. 2015. Disponível em: <[www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/17947](http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/17947)>. Acesso em: 25 out. 2016.

Recebido para publicação em maio de 2019

Aprovado para publicação em junho de 2019